

SEM TEMPO PARA SONHAR (?): APROPRIAÇÃO, MATERNAGEM E RESISTÊNCIA EM *UM DEFEITO DE COR* E *COMPAIXÃO*

NO TIME FOR DREAMING (?): APPROPRIATION, MOTHERING AND RESISTANCE IN *UM DEFEITO DE COR* AND *A MERCY*

Resumo

Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves, e *Compaixão*, de Toni Morrison, encenam e iluminam práticas de maternagem negra em contexto de escravidão no Brasil e Estados Unidos, respectivamente. Ambos os textos literários apresentam inúmeras e cruéis tentativas de apropriação e exploração do corpo feminino negro nos dois países. Tanto Gonçalves quanto Morrison criaram personagens femininas negras que se sacrificam e trabalham incansavelmente, mas que também vislumbram a possibilidade de sonhar, transgredir e resistir. Ademais, os dois textos literários dão visibilidade à maternagem e aos corpos maternos negros, tantas vezes idealizados, romantizados ou silenciados.

Palavras-chave: Maternagem. *Um defeito de cor*. *Compaixão*. Escravidão.

Abstract

Um defeito de cor, by Ana Maria Gonçalves, and *A Mercy*, by Toni Morrison shed light to mothering practices in the context of slavery in Brazil and in the United States, respectively. Both literary texts present countless and cruel attempts to appropriate and exploit the black female body in the two countries. The authors have created black female characters who sacrifice themselves and work relentlessly, but also envision the possibility of dreaming, transgressing and resisting. Moreover, the novels give visibility to mothering and black maternal bodies, who were often idealized, romanticized or silenced.

Keywords: Mothering. *Um defeito de cor*. *A Mercy*. Slavery.

Danielle L. Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: danilunas@yahoo.com.br

The hills below crouched on all fours under the weight of the rain forest where liana grew and soldier ants marched on formation. Straight ahead they marched, shamelessly single-minded, for soldier ants have no time for dreaming. Almost all of them are women and there is so much to do – the work is literally endless. So many to be born and fed, then found and buried. There is no time for dreaming (Morrison, 1983: 250).

O excerto acima, extraído do romance *Tar Baby*, publicado por Toni Morrison em 1981, destaca a exploração do corpo feminino - um corpo apropriado para (re) produzir, nutrir e cuidar. A reiteração do pensamento “não há tempo para sonhar”, associada à imagem das formigas-soldado, um exército composto majoritariamente por fêmeas, cuja função primordial seria a de garantir a sobrevivência de sua espécie, evidencia dicotomias entre vida e morte; sonho e trabalho; coletividade e subjetividade. Corolariamente, as discussões das últimas décadas sobre maternidade e maternagem têm chamado atenção para alguns dos conflitos e ambiguidades relacionadas a estas práticas.

Um dos marcos epistemológicos nesta área, *Of woman born*, de Adrienne Rich, publicado em 1976, pôs em causa o conceito de maternidade e propôs que o termo contemplaria dois sentidos distintos, superpostos: o primeiro considera a maternidade como instituição e mecanismo de controle patriarcal; e o segundo a define como “a *relação potencial* de qualquer mulher com o seu poder reprodutivo e filhos”¹ (Rich, 1995 :13, grifo do autor). Para Rich (1995), a instituição da maternidade contribuiu para uma separação entre as esferas pública e privada, além de ter restringido as potencialidades das mulheres. Ao vislumbrar a possibilidade de práticas de maternagem dissociadas do controle patriarcal, Rich contrapõe-se a um discurso de repúdio à maternidade produzido nas décadas de 1950 e 1960 por Betty Friedman, Simone de Beauvoir, entre outras feministas. Juntamente com as discussões de Nancy Chodorow, Sara Ruddick, Dorothy Dinnerstein, Julia Kristeva, Hélène Cixous e Luce Irigaray, as proposições de Adrienne Rich inauguram uma fase de reabilitação da maternidade para o feminismo

1 Tradução livre do trecho “*potential relationship* of any woman to her power of reproductions and to children” (Rich, 1995: 13, grifo do autor).

(Jeremiah, 2006). Para Rich, as práticas de maternagem, vivenciadas cotidianamente pelas mães, teriam o potencial de distinguir-se da instituição maternidade como forma de opressão e controle.

Contudo, é preciso ter em mente que a obra de Rich reverbera, de certa forma, um essencialismo, posto que considera a experiência da maternidade a partir de um viés eurocêntrico e de classe média. Outrossim, a visão de que o patriarcado agiria igualmente, sobre todas as mulheres tem sido contestada de diferentes maneiras desde então. De qualquer forma, suas proposições incluem-se numa trajetória que levou à transição de uma visão essencialista para uma visão pós-estruturalista da maternidade. A primeira, considerada algo fixo e estático, passou a ser problematizada como uma experiência mutável e contextual (Jeremiah, 2006). A maternagem seria, assim, “algo que alguém faz e, não, quem alguém é”² (Jeremiah, 2004: 61, grifo nosso).

Andrea O’Reilly, que em 2006, propôs o termo “*motherhood studies*”, ressalta que “[d]entro dos estudos da maternidade, este termo é usado para significar a instituição patriarcal, ao passo que “maternagem” refere-se às experiências de maternagem vividas pelas mulheres à medida que buscam resistir à ideologia opressiva e patriarcal da maternidade” (O’Reilly, 2010: 369-370)³. É sob esta perspectiva que considera a maternagem como experiência relacional e contextual, continuamente em construção, que utilizo o termo neste artigo

Os dois romances ora abordados, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Compaixão*, de Toni Morrison, encenam e iluminam práticas de maternagem negra em contexto de escravidão no Brasil e Estados Unidos, respectivamente. O primeiro, publicado em 2006, abrange grande parte do século XIX e narra a história de Kehinde, desde a sua infância em Daomé, África, quando foi capturada e transportada para o Brasil, até a sua libertação, seu envolvimento com a revolta dos Malês e seu retorno ao continente natal. Trata, primordialmente, da lendária figura de Luísa Mahin, mãe do poeta abolicionista

2 Tradução minha do seguinte excerto: “something one does, rather than something one is” (Jeremiah, 2004:61, grifo nosso).

3 Tradução livre do trecho: “Within motherhood studies the term “motherhood” is used to signify the patriarchal institution of motherhood, while “mothering” refers to women’s lived experiences of mothering as they seek to resist the patriarchal of motherhood and its oppressive ideology” (O’Reilly, 2010: 369-370).

Luís Gama, que foi vendido como escravo pelo próprio pai quando ainda era uma criança. *Um Defeito de Cor*, configura-se como o conjunto de histórias que Kehinde gostaria de compartilhar com seu filho perdido, uma longa carta endereçada a ele, com o intuito de que ele pudesse, um dia, conhecer suas origens e seu passado.

A segunda narrativa, *Compaixão (A Mercy)*, publicada em 2008⁴, também discute temas como racismo, escravidão, violência, amor e maternagem. A protagonista, Florens, é uma jovem escravizada que foi forçada a separar-se da mãe ainda na infância, crescendo carente do amor materno e vivenciando o trauma desta ruptura precoce. Tendo como pano de fundo os Estados Unidos no ano de 1680, momento em que as relações entre índios, negros, comerciantes, fazendeiros e imigrantes nem sempre eram harmoniosas, a obra retrata as primeiras décadas da chegada de escravizados aos Estados Unidos e sua convivência com “*indentured servants*”⁵, indígenas e imigrantes portugueses, ingleses e holandeses. Nela, Toni Morrison apresenta ao leitor uma frágil unidade familiar formada por uma comunidade de órfãos, a saber Jacob e Rebekka Vaark, *Sorrow*, Messalina (Lina) e Florens.

Ambos os romances encenam as inúmeras e cruéis tentativas de apropriação e exploração do corpo feminino negro no Brasil e nos Estados Unidos. Tanto Gonçalves quanto Morrison apresentam personagens femininas que se sacrificam, trabalham incansavelmente, mas que, ao contrário das formigas-soldado de *Tar Baby*, vislumbram também a possibilidade de sonhar, transgredir e resistir. Ademais, os dois textos literários dão visibilidade à maternagem e aos corpos maternos negros, tantas vezes idealizados, romantizados ou silenciados, como veremos a seguir.

Figura cultuada tanto em território brasileiro quanto estadunidense, a mãe preta, representada como ser abnegado e realizado em sacrificar-se, ganhou força no imaginário popular, tendo contado com apoio do movimento negro e da imprensa negra brasileira, especialmente na primeira metade do século XX (Siegel, 2007). De acordo com a pesquisadora Micol Siegel, o *Chicago Defender*, um dos veículos mais importantes da imprensa negra estadunidense, apoiou publicamente

a iniciativa da construção de um monumento, no Brasil, que homenagearia a mãe preta. Contudo, Siegel destaca que a mesma publicação havia criticado veementemente a proposta da *Daughters of the American Confederacy* para que fosse erguido, em Washington D.C, um monumento em homenagem a *Mammy*. De acordo com Siegel, admitir que a figura da mãe preta brasileira também era revestida da memória de abusos e violações, como a da *Mammy*, “teria pervertido a narrativa da mãe preta, roubando-a completamente das implicações de fraternidade e de cidadania negra que os partidários de todos os lados da linha de cor e do Equador, apesar de suas diversas intenções, queriam que a história contasse” (Siegel, 2007: 343). Uma vez que se consolidava o mito da democracia racial no Brasil, qualquer crítica à figura da mãe preta serviria para abalar a crença no país da cordialidade e igualdade racial.

Pode-se tomar como exemplo de homenagem à mãe preta o monumento⁶ erguido, em 1955, na Praça do Largo Paissandu, em São Paulo, em que, na estátua projetada por Júlio Guerra, lê-se a seguinte estrofe do poema “Mãe Preta”, de Ciro Costa.

Na escravidão do amor, a criar filhos alheios,
rasgou, qual pelicano, as maternais entranhas,
e deu, à Pátria Livre, em holocausto, os seios!

Esta ode à mãe preta ressalta seu sacrifício e dedicação à criação de “filhos alheios”, assim como seu corpo glorificado pela “doação” de suas “maternais entranhas” e seios. Ciro Costa, nascido em 1879, deixa transparecer em sua lírica a influência da exaltação da abnegação e do tormento da maternidade negra, tema recorrente na literatura abolicionista brasileira. Poetas românticos como Fagundes Varela e Castro Alves utilizaram a figura da mãe negra para denunciar as atrocidades do cativo nacional, cujas representações transitavam entre o sofrimento e a loucura. Considerado o *poeta dos escravos*, Castro Alves trouxe a escravidão para o centro de sua expressão poética em poemas como *Navio Negreiro*, de 1869, e nos livros *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876) e *Os escravos*, de 1883, ambos publicados

4 No Brasil, foi lançado em 2009, pela Companhia das Letras.

5 Aqueles que assinavam um contrato de servidão, comprometendo-se a trabalhar, muitas vezes, em troca de comida e habitação.

6 Mais informações a respeito do monumento estão disponíveis em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/adote_obra/index.php?p=8291>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

após a sua morte (França, 1998). No drama, por sua vez, José de Alencar, com a peça “*A Mãe*”, de 1859, destacou a mãe negra abnegada e sofredora. Apesar de representar, de maneira positiva, a personagem feminina negra a partir da exposição de seu sofrimento e altruísmo, a intenção de Alencar seria elevar a figura materna negra à medida que chama atenção para as características que as aproximariam da exaltação da santidade na maternidade branca (França, 1998), como pode ser observado no fragmento abaixo, parte de uma nota na qual o escritor dedica a peça à sua mãe.

É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na líia humana. A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sedas. *Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe* (Alencar, José de. *A Mãe*. :192-193 *apud* França, 1998 :62-63, grifo nosso).

A mãe, “negra forte, capaz e industriosa, que dedica toda a sua vida a Jorge, um estudante do último ano de medicina”,⁷ mantém-se no anonimato por acreditar que isso beneficiaria seu filho, a quem tem a identidade revelada apenas no último ato, antes de falecer. Assim, Alencar⁸ emprega o sacrifício e desprendimento de Joana como exemplo de um amor materno incondicional e disposto a qualquer sacrifício. Apesar de exaltá-la, não passa despercebido o fato do autor representar a maternidade negra como algo experienciado em segredo e silêncio, e que culmina com a morte da ex-escravizada. Pode-se afirmar, pelo exposto, que a representação da figura materna negra na literatura nacional alternou, por muito tempo, entre sua idealização e seu silenciamento.

7 França, 1998, p.62.

8 Entretanto, sabe-se que, na esfera política, José de Alencar era conservador e antiaboliconista. Não se pretende aqui fazer qualquer cotejo entre seu posicionamento político e a sua obra literária e faz-se referência à peça “*A Mãe*” no sentido de discutir algumas representações da maternagem negra na literatura brasileira.

Sobre a representação ou a ausência desta representação da maternidade e maternagem negra brasileira, Conceição Evaristo destaca que

[s]e relatos orais, assim como vários textos escritos e ainda todo um material iconográfico, fotos e pinturas, apresentam as mulheres negras desempenhando seus papéis de mães-pretas, de amas-de-leite, de educadoras informais da prole colonizadora, um outro papel, uma outra representatividade, é negada à mulher negra no seio da sociedade brasileira. Há a negação de uma imagem em que a mulher negra apareça no centro de sua própria descendência. Apagam-lhe a prole, sua família, pois a imagem da mãe preta nasce no processo da escravidão e como tal esses filhos não são os seus, e sim, os de seus senhores (2006 :118-119).

A observação de Evaristo remete-nos ao já citado poema de Ciro Costa, “*Mãe Preta*”. A representação de uma mãe-preta acorrentada aos “filhos alheios” pela “escravidão do amor” ainda faz parte de nosso inconsciente coletivo. É por isso que escritoras negras, no Brasil e nos Estados Unidos, têm-se empenhado em problematizar e apresentar uma gama de representações das mulheres negras e seu papel determinante como provedoras espirituais e materiais de suas famílias e comunidades. Em um contexto de apagamento da imagem da mulher afrodescendente como mãe, essas escritoras recorrem a protagonistas negras que enfrentam os dilemas em relação à maternagem, ao racismo e à discriminação, para quem o simples ato de amar e ter uma família negra configura-se como ato de resistência. É inegável que a contemporaneidade ainda impõe desafios para a sobrevivência de jovens negros e negras, uma vez que elevados índices de homicídios, violência policial e encarceramento da população *amefricana*⁹ continuam a pôr em risco a sua integridade e sobrevivência. A maternagem negra torna-se, então, um ato de resistência

9 Termo utilizado por Lélia Gonzalez (1988) para referir-se à articulação de múltiplas identidades, tanto nas Américas quanto na diversidade cultural do continente africano. Aqui, ao utilizar o conceito de *Amefricanidade*, pretendo chamar atenção para as influências das trocas culturais, dos diálogos e das alianças políticas entre descendentes de africanos das Américas e africanos, não só no combate ao racismo e sexismo, mas também para a consolidação de uma crítica pós-colonial que propõe uma discussão mais ampla sobre os efeitos da escravidão, do colonialismo e da globalização, a partir de uma perspectiva transnacional.

do cotidiano, cuja complexidade encontra eco nos textos literários produzidos no contexto da diáspora negra. No âmbito brasileiro, escritoras como Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, entre outras, buscaram (e ainda buscam) oferecer múltiplas e complexas visões desta experiência na literatura que produzem.

O contexto de representação da maternagem negra na literatura estadunidense guarda semelhanças em relação ao descrito acima sobre a literatura brasileira. A exaltação das características corpóreas da mulher negra, exemplificada pelo poema de Ciro Costa citado anteriormente, coaduna-se com a supervalorização das qualidades físicas da *Mammy* no Sul dos Estados Unidos. De acordo com Barbara Christian,

A imagem da mulher branca ideal tenta negar os aspectos físicos repugnantes de ser mulher, repugnantes do ponto de vista sulista. Pelo contrário, todas as funções da *mammy* são magnificamente físicas. Elas envolvem o corpo como algo sensual, primário, a parte da mulher que a América sulista temia profundamente (1985: 2).¹⁰

Mesmo quando buscava valorizar a figura da *Mammy*, escritores estadunidenses representavam-na de forma idealizada, ou vitimizada como uma *mater dolorosa*. A respeito da poesia negra nacionalista estadunidense, Christian (1985:16) afirma que

as mulheres negras eram frequentemente idealizadas nesta produção poética, saudadas como rainhas, Mães do Universo (...). Um estereótipo diferente surge: a mulher negra idealizada, colocada em um pedestal, talvez em reação aos estereótipos anteriores. As mulheres negras passaram a simbolizar as guardiãs da condição moral dos negros, em grande parte da poesia nacionalista¹¹.

10 Tradução livre de “[t]he image of the ideal white woman tries to deny the gross physical aspect of being female, gross form the southern point of view. In contrast, all the functions of mammy are magnificently physical. They involve the body as sensuous, as funky, the part of woman that white southern America was profoundly afraid of” (Christian, 1985: 2).

11 Tradução livre de “black women are often idealized in this poetry, saluted as queens, as Mothers of the Universe (...). A different stereotype begins to emerge: the idealized black women poised on a pedestal somewhat in reaction to the previously projected stereotypes. Black women became symbolic holders of the moral condition of blacks in much of the national poetry” (Christian, 1985 :16).

Poucos romances estadunidenses escritos até 1940 tinham mães negras como protagonistas, devido à carga negativa da figura da *Mammy* (Christian,1985). Ainda de acordo com Christian (1985), apenas em 1959, com a publicação de *Browngirl, Brownstones*, de Paule Marshall, é que a maternagem negra e os efeitos do racismo nesta experiência passaram a ser explorados de forma mais complexa. Este romance abriu espaço para a profunda exploração do tema, a partir dos anos 1970, por escritoras como Alice Walker, Toni Morrison e Toni Cade Bambara. Por conseguinte, pode-se perceber a passagem de uma representação da maternidade que idealizava a figura da *Mammy*, sobrelevando seus aspectos físicos, para representações que problematizavam e encenavam os desafios e contradições da maternagem negra.

Reprodução Forçada, Maternidade e Escravidão

Quando os primeiros relatos dos encontros dos europeus com as mulheres africanas passaram a circular nos séculos XVI e XVII, evidenciava-se, em tais descrições dos corpos femininos negros, o caráter animalesco e primitivo que lhes era atribuído. Chamava atenção dos exploradores os seios expostos e a suposta “facilidade” com que elas davam à luz, de forma aparentemente indolor. Este observador, masculino e europeu, determinou, assim, que a suposta ausência de sofrimento durante o parto atestaria que as mulheres africanas não seriam descendentes de Eva, o que comprovaria a sua inferioridade e justificaria a exploração de sua capacidade (re)produtiva (Morgan, 1997).

Esta crença teve reverberações que se estenderam até o século XIX. Na passagem a seguir, de *The Bluest Eye* (1970), primeiro romance publicado por Morrison, temos a descrição de como o tratamento dispensado às parturientes negras estadunidenses foi afetado por esta crença. Pauline, mãe de Pecola, garota negra cujo maior sonho era ter olhos azuis, descreve a maneira como foi tratada durante seu trabalho de parto.

Quando o médico se aproximou de mim disse, agora com essas mulheres aqui vocês não terão nenhum problema. O parto é rápido e sem dor. Igualzinho a cavalos. [...] Eu sentia dor do mesmo jeito que as mulheres brancas. Só porque eu não tava me contorcendo e gritando antes não queria

dizer que eu não estava sentindo dor. [...]. Além disso, esse médico não sabe do que ele tá falando. Ele nunca deve ter visto uma égua. Quem disse que elas não sentem dor? Só porque ela não chora? (Morrison, 2007: 122-123)¹².

A associação entre o parto de mulheres negras e o de éguas, feita pelo médico que examinava Pauline enquanto instruía os residentes do hospital a respeito “daquelas mulheres”, aproximava as mulheres negras ao primitivo e animalesco. Estas afirmações, resquícios dos diversos tratados sobre a inferioridade negra que circularam a partir do século XIV, eram corroboradas por personalidades influentes, como Thomas Jefferson¹³, cujos relatos sobre as mulheres de descendência africana incluíam a suspeita de que elas mantivessem relações sexuais com macacos (Higginbotham, 1992).

Esse discurso que considerava as mulheres negras como “animais reprodutores” acabou determinando como muitas destas mulheres eram tratadas durante o período da escravidão. Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores, há indícios de que, ao menos em alguns locais nos Estados Unidos, mulheres negras tenham sido submetidas à reprodução forçada (Warren, 2007; Smithers, 2012). O fato é que, mesmo que a reprodução forçada não tenha acontecido de forma indiscriminada¹⁴, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil foram utilizadas estratégias, por vezes mais ou menos sutis¹⁵, para interferir na reprodução natural da população escravizada. No Brasil, por exemplo, um projeto de lei, elaborado por José Bonifácio, estabelecia uma hora a mais de descanso para as escravas a cada “filho vingado” (Giacomini, 2013, p. 36) e acenava com a possibilidade de alforria para as mulheres que tivessem cinco ou mais filhos. A iniciativa

12 Tradução livre do original “When he got to me he said now these here women you don’t have any trouble with. They deliver right away and with no pain. Just like horses. [...]

I hurt just like them white women. Just ’cause I wasn’t hooping and hollering before didn’t mean I wasn’t feeling pain. [...] Besides, that doctor don’t know what he talking about. He must never seen no mare foal. Who say they don’t have no pain? Just ’cause she don’t cry?” (Morrison, 2007:122 -123).

13 O caso de Jefferson é emblemático porque apesar das declarações acima, há evidências de que ele tenha tido um longo envolvimento com Sally Hemings, mulher escravizada com quem possivelmente teve seis filhos.

14 Como foi caso de Cuba (Bergad, 2007).

15 Ver White (1999:99).

visava diminuir o número de abortos e infanticídios, dessa maneira contribuindo para o aumento da reprodução natural da população escravizada. Analogamente, nos Estados Unidos, muitos fazendeiros determinavam que as escravizadas que tivessem filhos executassem trabalhos mais leves, além de distribuir maiores quantidades de mantimento e prometer outros benefícios àquelas que conseguissem gerar o maior número de filhos (Collins, 2000; White, 1999).

Para as mulheres negras, tratadas como “reprodutoras”, em muitos casos, a gravidez não era uma escolha e, sim, fruto da violência e da apropriação do corpo da mulher escravizada. Em *Compaixão*, a apropriação da capacidade (re)produtiva da mãe de Florens é descrita na passagem abaixo.

Eu fiquei queimando de suar no canavial só um pouco quando me levaram embora para sentar num tablado no sol. Foi lá que eu fiquei sabendo que não era uma pessoa do meu país, nem das minhas famílias. Eu era *negrita*. Tudo. Língua, roupa, deuses, dança, costumes, decoração, música - tudo misturado na cor da minha pele. Então foi como negra que eu fui comprada pelo *Senhor*, levada para o canavial e despachada para as plantações de tabaco dele no norte. Uma esperança, então. Mas primeiro acasalar, levarem eu e Bess e uma outra para o barraco de defumação. Depois, os homens que tinham mandado quebrar a gente se desculparam. Depois um capataz deu uma laranja para cada uma. E podia ter ficado tudo bem. Eu fui boa duas vezes, porque os resultados foram você e seu irmão (Morrison, 2009 :155).

Dessa forma, evidencia-se a tentativa de essencialização e despersonalização a que a personagem é submetida, “[e]u era *negrita* (...) tudo misturado na cor da minha pele”. Sem nome, chamada de *negrita* ao ser comprada, e chamada de *minha mãe* por sua filha, Florens, a comodificação parece completa. É certo que, para a jovem, a personagem desempenha o papel de mãe, nutrindo e zelando pelo desenvolvimento de seus filhos. Contudo, é preciso salientar que a própria Florens não parece reconhecer a individualidade da mãe, uma vez que não faz referência a seu nome ao longo da narrativa.

Esse retrato da animalização e do distanciamento que foram necessários para se construir e fomentar

justificativas para as atrocidades da escravidão, também se repete em *Um defeito de cor*. Neste, Kehinde descreve o momento em que fora examinada pelo Senhor José Carlos que, ao perceber que a jovem entrara na puberdade, a examina com grande interesse em seu corpo. Sobressaem, no fragmento abaixo, expressões que descrevem atributos físicos da adolescente, assim como o uso recorrente do verbo olhar, indicando o desejo do dono da fazenda de possuí-la.

Em uma das visitas, o sinhô José Carlos *me olhou* de modo estranho, pedindo que o Cipriano me levasse até ele, quando *me fez abrir a boca e olhou meus dentes*. Depois, com a *ponta da vara que usava para cutucar o cavalo*, levantou a barra da minha saia e *olhou* minhas pernas. *Olhou também para minha bata na altura dos peitos*, que já estavam quase tão grandes quanto os da Felicidade (Gonçalves 2009: 151, grifo nosso).

No entanto, a trajetória construída por Kehinde, assim como a de Luísa Mahin, figura histórica na qual seu personagem foi inspirado, é configurada por uma série de decisões e esforços no sentido de resistir e constituir-se como um sujeito autônomo e complexo, além de engajado no contexto político e religioso de seu tempo. Se Mahin foi descrita por seu filho como uma “africana livre”¹⁶, a protagonista de *Um defeito de cor* consegue, com os rendimentos de seu trabalho como escrava de ganho e pela ajuda espiritual que recebe de seus ancestrais, da líder religiosa Agontimé e do orixá Oxum, comprar a sua carta de alforria e a de seu filho. Enquanto Mahin era “quitandeira, muito laboriosa”, Kehinde descobre suas habilidades como cozinheira e empreendedora e tem enorme sucesso com a comercialização de cookies ingleses. Mahin, “mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito”, ao passo que Kehinde teve participação ativa na Revolta dos Malês, em 1835.

Kehinde, ao contrário de Florens, protagonista de *Compaixão*, guarda lembranças ternas de sua infância quando ainda convivia, em liberdade, com sua família em Savalu, em África. A relação com a mãe era afetuosa, como pode-se observar na passagem abaixo.

Naquele dia, a minha mãe tinha acabado de voltar do mercado, lavado as pinturas com que enfeitava o corpo e passado *ori* nele. Eu nunca tinha visto a minha mãe tão bonita. Ela tinha peitos pequenos, dentes brancos e a pele escura que brilhava ainda mais por causa do *ori*. A minha mãe cuidava dos meus cabelos e dos cabelos da Taiwo como cuidava dos dela, dividindo em muitas partes e prendendo rolinhos enfeitados com fitas coloridas, que comprava no mercado (Gonçalves, 2009: 22).

Após o assassinato de sua mãe e do irmão, e da morte da avó e de sua irmã gêmea, a protagonista é acolhida por Esméria, negra escravizada que se responsabiliza por ela e a acompanha desde a sua chegada na fazenda do Senhor José Carlos, até décadas depois, quando passou a morar, já na condição de liberta, com Kehinde e seus dois filhos. Não há dúvida do amor que Esméria nutre pela jovem, com quem construiu laços familiares que extrapolam os vínculos sanguíneos. Ao receber a notícia de sua morte, Kehinde afirma “[a] pior sensação era a de não ter dito o quanto ela era importante para mim, como mãe, avó e grande amiga. A Esméria representava tudo isso, tudo o que tinha perdido antes de ter chegado ao Brasil, e que encontrei nela no primeiro dia da minha estada na casa-grande da ilha” (Gonçalves, 2009: 624).

Esméria personifica o *othermothering*, ou seja, a maternagem exercida por alguém que não possui, necessariamente, vínculos consanguíneos com a criança, podendo também ser praticada por diversos membros da família, como avós, tias, entre outros. Dessa maneira, “[a] criança nascida receberá princípios e educação de várias mulheres, suas iniciadoras. Essa é a formação natural da criança negra quando a família vai além da fronteira da consanguinidade e a imagem da mulher se fixa representando a orientadora e a responsável pela formação da família” (Melo Nascimento, 2008: 53).

Por sua vez, Patricia Hill Collins define *othermothers* como “mulheres que auxiliam as mães biológicas compartilhando com elas as responsabilidades da maternagem”¹⁷. Apesar de reconhecer que, no século XX, as várias transformações da sociedade estadunidense tiveram impacto profundo nas comunidades afro-

16 Estas informações estão presentes na carta que Luiz Gama escreveu em 1880, em um breve relato da sua vida a pedido do amigo Lúcio de Mendonça (Ferreira, 2008).

17 Tradução do original “women who assist bloodmothers by sharing mothering responsibilities” (COLLINS, 2007, p.278).

americanas, muitas vezes enfraquecendo essas redes de apoio parafamiliares, Collins (2000) defende que a maternagem negra, por muito tempo, teve o *othermothering* como um de seus aspectos centrais. Além disso, ressalta a ênfase no esforço de garantir a sobrevivência das gerações mais novas e na necessidade de protegê-las contra o racismo. A pesquisadora estadunidense também chama atenção para a maternagem negra como símbolo de poder e não de opressão, como comumente descrito na crítica feminista branca, principalmente em textos publicados até os anos 1980, ao ressaltar que na comunidade negra, desde a chegada das africanas ao Novo Mundo, trabalho e família nunca foram consideradas experiências distintas por estas mulheres (Carneiro, 2017; Collins, 2000; Evaristo, 2006, 2005).

Em *Compaixão*, Lina exerce o papel de *othermother* da protagonista, após a separação entre Florens e sua mãe. Contudo, a despeito de todos os esforços de Lina para nutrir e proteger a adolescente, a jovem mostra-se insaciável e é incapaz de ter sua autoestima e amor-próprio restaurados por este amor. A importância da maternagem para a construção da identidade e do fortalecimento do sentimento de autovalorização e independência são temas recorrentes na escrita de Morrison e encontram-se no cerne das discussões a respeito das especificidades da maternagem negra, como defende, entre outras, a pesquisadora Patricia Hill Collins (2000).

A relação maternal entre Lina e Florens é descrita no trecho abaixo:

Lina tinha se apaixonado por ela imediatamente, assim que a viu tremendo na neve. Uma criança de pescoço comprido, assustada, que não falava havia semanas mas quando falou sua voz leve, melodiosa, era adorável de se ouvir. De alguma forma, de algum jeito, a criança aplacou a minúscula porém eterna ânsia de lar que Lina um dia conhecera, onde todo mundo tinha qualquer coisa e ninguém tinha tudo. Talvez sua própria esterilidade atilasse essa devoção. De qualquer modo, queria protegê-la, mantê-la longe da corrupção tão natural a alguém como Sorrow e, mais recentemente, estava decidida a ser uma muralha entre Florens e o ferreiro. Desde que ele viera, havia na menina um apetite que Lina reconhecia como o que tivera um dia. Um desejo choroso além do sentido, sem consciência” (MORRISON, 2009, p.59-60).

Desempenhando a função de *othermothering*, Lina assume o papel de “heróina do cotidiano [que] desenvolv[e] suas batalhas longe de qualquer clamor de glória” (EVARISTO, 2005, p.203). Ao se responsabilizar por Florens, Lina garante que a jovem receba o afeto que precisa para se desenvolver. Infelizmente, o trauma da separação entre mãe e filha não consegue ser aplacado por seus cuidados. Aqui, Morrison parece chamar atenção para a fratura causada pela separação familiar e pela diáspora amefricana. A separação entre Florens e sua progenitora não deixa de ser uma repetição do trauma vivido por sua mãe ao ser arrancada de seu país natal e trazida, como carga, como “*negrita*”, para um país desconhecido. Estas rupturas familiares que parecem ter presença constante na literatura feminina da diáspora amefricana repetem-se nos dois romances ora analisados. Tanto Gonçalves quanto Morrison dão visibilidade em seus textos a esta separação primária entre os Africanos e sua terra natal, a partir da representação da Passagem do Meio, ou *Middle Passage*.¹⁸

Em *Compaixão*, apesar de não ter conseguido fugir da fazenda onde era escravizada, a mãe de Florens oferece à filha a oportunidade de escapar dos assédios sexuais e da apropriação de sua capacidade reprodutiva a que era submetida pelos D’Ortega. O evento que desencadeia a separação entre Florens e sua mãe é iniciativa desta última. Quando o Senhor D’Ortega chama o fazendeiro Jacob Vaark para fazer o acerto de uma dívida e oferece um dos seus escravos como pagamento, Vaark, certo de que o português recusaria a sua escolha, propõe levar a mãe de Florens. Ao perceber que ele não olha para a sua filha como um animal ou objeto, a escravizada vislumbra em Vaark a possibilidade de poupar Florens da realidade, que assim como Sethe, ela, infelizmente, conhece muito bem. Assim, resolve apelar para a sua compaixão e clama para que ele leve a própria filha em seu lugar. Ao decidir separar-se de sua menina e implorar para que Florens seja levada pelo fazendeiro anglo-holandês, a personagem altera o que seria o provável destino da jovem, o de ser violada e transformada em reprodutora. Este ato de resistência, apesar de ter garantido a Florens que escapasse dos abusos perpetrados pela família D’Ortega,

¹⁸ *Um defeito de cor* e *Compaixão* aproximam-se pela similaridade dos relatos de Kehinde e da mãe de Florens, que ao chegarem ao Novo Mundo, sentem-se gratas por terem sobrevivido à jornada que as trouxe, em tumbeiros, para as Américas.

tem consequências traumáticas no desenvolvimento da protagonista¹⁹.

Ao proferir as palavras “[p]or favor, senhor. Eu não. *Leve ela. Leve minha filha*” (Morrison, 2009: 29, grifo nosso), a personagem insere-se como sujeito na narrativa, não como um objeto ou animal, mas como um ser humano que tem desejos e necessidades. No entanto, a mesma fala que chama atenção para sua resistência e agência é a que a separa, de forma cabal, de sua filha.

Por outro lado, as motivações da mãe de Florens ao pedir que Jacob Vaark levasse sua filha só são reveladas no último capítulo da narrativa, o único centrado na personagem²⁰. Na passagem abaixo podemos perceber a importância, para a mãe, da preservação da integridade da filha. Por isto, optou pela separação no intuito de oferecer à Florens a oportunidade de uma vida diferente da sua.

Uma chance, eu pensei. Não existe proteção mas tem uma diferença. Você ficou lá com aquele sapato, o homem alto riu e disse que levava eu para pagar a dívida. Eu sabia que o *Senhor* não ia deixar. Eu disse você. Levasse você, minha filha. Porque eu vi que o homem alto via você como uma criança humana, não como moeda. Ajoelhei na frente dele. À espera de um milagre. Ele disse sim. Não foi um milagre. Bendito seja Deus. Foi uma compaixão. Oferecida por um homem. Eu fiquei de joelhos. No pó onde meu coração vai continuar toda noite e todo dia até você entender o que eu sei e quero dizer para você: ganhar o domínio sobre outra pessoa é uma coisa dura; impor domínio sobre outra pessoa é errado; dar o domínio de si mesma para outro é uma coisa má. Ah Florens. Meu amor. Escute *a sua mãe* (MORRISON, 2009 :156, grifo do autor).

Para Morrison, Collins, O’Reilly, entre outros, a maternagem negra pode configurar-se como um ato político, e um espaço de empoderamento e agência, não apenas para as mulheres, mas para toda a comunidade. Similarmente ao que se constatava em muitas sociedades

19 Na época, Florens era uma menina de apenas 7 ou 8 anos e na versão dela dos fatos ela, a mãe pediu a Vaark que a levasse no lugar de seu irmão, na época apenas um bebê. Essa narrativa não se confirma quando comparada a versão de Jacob e da mãe de Florens. Ambos descrevem que a proposta inicial seria o abatimento de parte da dívida em troca da mãe de Florens, que acabou implorando para que a filha fosse levada em seu lugar.

20 O romance alterna capítulos narrados pela personagem Florens, com capítulos centrados nos outros membros da “comunidade de órfãos”.

da África Ocidental (Collins, 2000; Spillers, 2000; White, 1999) e, provavelmente, devido à influência destas culturas nos Estados Unidos, a maternagem é valorizada e tida como elemento central da comunidade e cultura afro-americana.

Ainda de acordo com O’Reilly (2004: 30),

[d]iscursos normativos da maternidade, particularmente o conceito contemporâneo de maternidade “atenta”, focam exclusivamente nas tarefas voltadas para nutrição e treinamento e, conseqüentemente, desmerecem a tarefa de preservar e consideram as práticas de maternagem voltadas para este fim como inadequadas e inferiores²¹.

Portanto, a maternagem negra contrapõe-se aos discursos normativos na medida em que reconhece as práticas de preservação, voltadas para garantir a sobrevivência física, como tão ou mais importantes do que outras práticas de maternagem. Desta maneira, a separação entre mães e filhos nos dois romances reitera não apenas as rupturas familiares dos africanos e seus descendentes no contexto da escravidão, como também põe em causa as práticas de maternagem tidas como socialmente aceitas. Para a mãe de Florens, assim como muitas das mães em *Um defeito de cor*, separar-se da prole significou dar a geração mais nova a chance de sobreviver. Embora essas rupturas sejam traumáticas, no contexto de apropriação e exploração de corpos negros, muitas vezes elas representaram a única chance para que jovens pudessem ter uma existência mais digna, livre e com direito ao sonho. Graças as tantas mulheres negras que as antecederam, laboriosas e práticas como as formigas-soldado de *Tar Baby* - em estado constante de alerta, doação e trabalho - outras gerações têm lutado e continuam a combater o racismo, sexismo, bem como exploração e apropriação dos corpos femininos negros amefricanos.

21 Tradução livre do trecho: “normative discourses of motherhood, in particular the contemporary one of “sensitive” mothering, focus exclusively upon the tasks of nurturance and training; consequently, they disregard the task of preservation and view maternal practices that focus on this task as inadequate and inferior (O’Reilly, 2004: 30).

REFERÊNCIAS

- BERGAD, Laird. (2007). *The Comparative Histories of Slavery in Brazil, Cuba and the United States*. New York: Cambridge.
- CARNEIRO, Sueli. (2017). Entrevista a Bianca Santana. *Cult - Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, n.223, p.12-20.
- CHRISTIAN, Barbara. (1985). *Black Feminist Criticism: perspectives on Black women writers*. Oxford: Pergamon Press.
- COLLINS, Patrícia Hill. (2000). *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. 2nd ed. New York: Routledge.
- EVARISTO, Conceição. (2006). Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Chaliton (Org.) *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, p. 111-122.
- _____. (2005). Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*, p. 201-212.
- FERREIRA, Ligia Fonseca. (2008). Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. *Teresa*, n. 8-9, p. 300-321.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. (1998). *Imagens do negro na literatura brasileira (1584-1890)*. São Paulo: Brasiliense.
- GIACOMINI, Sonia Maria. (2013) *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. 2ed. Curitiba: Appris.
- GONÇALVES, Ana Maria. (2009). *Um defeito de cor*. 5ªed. Rio de Janeiro: Record.
- GONZALEZ, Lélia. (1988) A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun.
- HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. (1992). African-American women's history and the metalanguage of race. *Signs*, v. 17, n. 2, p. 251-274.
- JEREMIAH, Emily. (2006). Motherhood to mothering and beyond: maternity in recent feminist thought. *Journal of the motherhood initiative for research and community involvement*, v. 8, n. 1, p 21-33.
- _____. (2004). Murderous Mothers: Adrienne Rich's Of Woman Born and Toni Morrison's Beloved. In: O'REILLY, Andrea (Ed.). *From Motherhood to Mothering: The Legacy of Adrienne Rich's Of Woman Born*. New York: SUNY Press.
- MELO NASCIMENTO, Gizelda. (2008). Grandes mãe, reais senhoras. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Ed.). *Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Grupo Editorial Summus.
- MORGAN, Jennifer L. (1997). "Some Could Suckle over Their Shoulder": Male Travelers, Female Bodies, and the Gendering of Racial Ideology, 1500-1770. *The William and Mary Quarterly*, v. 54, n. 1, p. 167-192.
- MORRISON, Toni. (2009). *Compaixão*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. *The Bluest Eye*. (2007). New York: Vintage Books, Kindle edition.
- _____. (1983). *Tar Baby*. New York: New American Library
- O'REILLY, Andrea. (2010). "Stories to live by": maternal literatures and motherhood studies. In: PODNIEKS, Elizabeth; O'REILLY, Andrea (Ed.). *Textual Mothers/ Maternal Texts: Motherhood in Contemporary Women's Literatures*. Wilfrid Laurier Univ. Press.
- _____. (Org.). (2007). *Maternal theory: Essential readings*. Demeter Press.
- _____. (2004). *Toni Morrison and motherhood: a politics of the heart*. Albany: State University of New York.

RICH, Adrienne. (1995). *Of woman born: Motherhood as experience and institution*. New York: WW Norton & Company.

SIEGEL, Micol. (2007). Mães pretas, filhos cidadãos. IN: GOMES, Flávio dos Santos Gomes e CUNHA, Olívia Maria Gomes da (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora FGV.

SMITHERS, Gregory D. (2012). *Slave Breeding: Sex, Violence, and Memory in African American History*. Gainesville, FL, USA: University Press of Florida.

SPILLERS, Hortense J. (2000). Mama's Baby, Papa's Maybe. In: NAPIER, Winston (Org.) *African American Literary Theory: A Reader*. New York: NYU.

WARREN, Wendy Anne. (2007) "The Cause of Her Grief": The Rape of a Slave in Early New England. *The Journal of American History*, v. 93, n. 4, p. 1031-1049.

WHITE, Deborah Gray (1999). *Ar'n't I a woman?: Female slaves in the plantation South*. WW Norton & Company, 1999.

Data de recebimento: 15/11/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.